

Qorpo Santo

UM ASSOVIO

comédia em 3 atos e um quadro

PERSONAGENS

Fernando Noronha

Gabriel Galdino

Almeida Garrê

Jerônimo Avis

Luduvica

Luduvina

Esméria

Rosinha

e

Coriolana

Três tocadores

As cenas passam-se em Paris.

ATO PRIMEIRO

Cena Primeira

FERNANDO - (*passeando e batendo na testa*) Não sei que diabo tenho nesta cabeça! Nem S. Cosme, que é da minha particular devoção, é capaz de adivinhar o que se passa dentro deste coco! O que, porém, é verdade é que todos os dias, todas as horas faço novas preces; e todas as horas e todos os dias transgido os deveres que em tais protestos me imponho! (*Chama.*) Gabriel, Gabriel, que diabo estás fazendo nesse fogão, em que estás pregado há mais de duas horas!? Querem ver que estás a roer os tijolos, julgando serem de goiabada! Cruzes! Cruzes! Que gastrônomo! É capaz... já estou com medo! É capaz de roer até a minha casaca velha! (*Pegando de repente no nariz, tira um pedaço; olha e grita:*) Oh! diabo! até já me roeu um pedaço do nariz, quando eu ontem dormia! Gabriel! Gabriel!

GABRIEL - Pronto! Então (de dentro) que tanto me chama!? Diabos te levem! É o amo mais impertinente que tenho visto! Cruzes! Ave-maria! Já vou, já vou! Deixe-me tomar o meu quinhão de café; e tomo, porque estou transido de frio! Estou gelo! Quer derreter-me!? Espere, espere!

FERNANDO - Diabos te levem para as profundas do maior inferno! Está este diabo a tomar café desde que amanhece, até que anoitece! Vai-te, diabo!

GABRIEL - (*aparecendo*) Ora, graças a Deus e a meu amo! - já que com o diabo cortei de todas as minhas relações. (*Apalpando e levantando a barriga.*) Tenho esta pança mais pequena que a de um jumento, ou de um boi lavrador! Não é nada (*caminhando para o lado do amo*), existe aqui... quem sabe já quanto estará! (*Rindo-se.*) Duas chaleiras de café; quatro libras de açúcar... já se sabe - do mais fino refinado. Três libras, não! Seis libras de pão de rala e duas de fina manteiga inglesa. (*Andando para uma e outra parte.*) Troleró, tró! Agora sei que sou mesmo um Manuel José Taquanão! Só me faltam as cartas, e as parceiras! (*Apalpa as algibeiras e tira um baralho.*)

FERNANDO - (*à parte*) Estou otimamente servido de criado e companheiro! Não tenho, sinto - um guindaste para lhe ir suspender a pança!

GABRIEL - (*depois de haver examinado o baralho com atenção; para o amo*) Pensei que não tinha trazido. Está ótimo! Vamos a uma primeirinha? (*Batendo no baralho.*) Hem? hem? (*Tocando-lhe no braço.*) Então? Vamos, ou não vamos!?

FERNANDO - Tu és o diabo em figura de bicho. (*Batendo-lhe na pança.*)

GABRIEL - Ai! não me fures, que eu tenho um filho de seis meses arranjado pela Sra. D. Luduvina, aquela célebre parteira que o Sr. meu amo melhor que eu conhece... visto que passou as mais apreciáveis noites com... ou... etc. etc.

FERNANDO (*batendo-lhe na boca*) - Ó diabo! não descubras esse segredo! Senão, são capazes os amigos dela de me porem na cadeia!

GABRIEL - (*à parte*) Por isso é que muitas vezes eu chupo-lhe o dinheiro, e faço d'amo! Tem segredos, que eu sei; e que ele não quer que sejam revelados!

FERNANDO - Então, Galdino! Encheste o teu pandulho desde (*bate-lhe na bunda, que é também formidável, e na barriga*) esta extremidade até esta...!

GABRIEL - Ai! ai! seu diabo! Não sabes que ainda não botei as páreas do que pari por aqui!... (*Apalpa a bunda.*)

FERNANDO - E entretanto, de mim não te lembraste, judeu! Vai me buscar uma xícara, anda!

GABRIEL - Oh! pois não! (*Pulando; e dando voltas.*) O meu amo sabe dançar a chula? (*Olha para os calcanhares.*) E ainda faltam-me as esporas; senão, havia eu de fazer o papel mais interessante que se tem visto! Nem o Juca Fumaça era capaz de me ganhar em levianeza e linda graça! (*Continua a dançar a chula.*)

FERNANDO - Este diabo (*à parte ou para um lado*) não vai me buscar café! Então? Vais ou não vais!?

OABRIEL - Ah! quer café! Já vou! (*Dá mais duas ou três voltas, e entra por uma porta, pela qual torna a vir logo depois.*)

FERNANDO - Que tal estará o café deste judeu?

GABRIEL - Eis aqui! Está melhor que o chocolate da velha Teresa lá do Caminho Novo em que não há senão velhas tabaqueiras ou espirradeiras, que na frase dos rapazes são tudo e a mesma cousa!

FERNANDO - (*pegando a xícara e levando-a aos lábios*) Fum!... Fede a rato podre! E tem gosto de macaco são! Que porcaria! Pega; pega! (*Atira-lhe com o café à cara.*)

GABRIEL - (*limpando-se todo*) Não precisava fazer-me beber pelos olhos! Já estava farto de derramá-lo pela cara! Agora arrumo a xícara.

FERNANDO - Quem sabe se o fétido e o gosto provêm da xícara!? Pode ser! Para não tornar a ter destes prazeres... (*atirando*) quebrarei as pernas deste pançudo! (*Atira xícara e pires às pernas do criado.*)

GABRIEL - Ó diabo! quase me quebras as pernas! Mas ficou sem o casal da xícara! O que me vale (*à parte*) é que por eu há muito já o conhecer, mandei o ano passado forrá-las de aço no ferreiro das encomendas, que mora lá por trás das vendas, na Rua das Contendas!

ATO SEGUNDO

Cena Primeira

LUDUVINA - (*mulher de Gabriel Galdino, velha feia e com presunções e ares de feiticeira*) Graças a Deus que já se pode vir a esta sala (*Olhando para o chão.*) Oh! cacos! Que barulho haveria aqui! Quem quebraria esta louça!? Querem ver que o meu marido, o Sr. barrigudo e bundudo, que pelas nádegas (e se espera que faça o mesmo pelo embigo) andou brigando com o amo, que é uma outra das mais raras esquisitices que se há visto sobre a Terra! Nem foi outra cousa! Deixem-nos por minha conta; hei de pôr-lhes freio e lei, e em toda a sua grei!

GABRIEL - (*entrando*) Oh! minha querida Luduvina! Levantei-me a sonhar como um sonâmbulo. Agarrei-me primeiro a uma janela, pensando que era a Sra.! Depois a uma talha, ainda com a mesma ilusão! E intimamente a uma música chamada cavatina, pensando sempre que era a Sra. D. Luduvina!

LUDUVINA - O Sr. é muito gracejador! Quem o manda dormir tanto! Por que não faz como eu, que atiro-me do mar, ponho-me no ar!? Sabe que mais? (*Pondo o dedo em frente ao rosto dele, como ameaçando.*) Se quiser continuar a ser meu, há de, primeiro: Levantar-se de madrugada, senão à do galo primeira cantada! Segundo; banhar-se dos pés à cabeça, e esfregar-se com fino sabão inglês ou sabonete. Terceiro; alimentar-se três vezes ao dia; e de comidas simples e brandas; como por exemplo: uma xícara de chocolate para almoço com uma fatia ou alguma massa fina torrada ou não; um ou dois pedacinhos de galinha ou cousa idêntica, para o jantar, e quando muito mais (o que não julgo necessário) - um cálix de vinho superior, ou uma xícara de café, ou de chá. A noite - qualquer líquido destes como ceia. O melhor de tudo é tomar uma só bebida para almoço, e para ceia; e para o jantar também um só pratinho com um cálix de vinho, ou uma xícara de café; no primeiro caso se for com carne; no segundo se for...

GABRIEL - Agora acabe! Depois da ceia, diga: O que havemos de fazer? Em que me hei de entreter!?

LUDUVINA - De noite, depois do chá... já se sabe (*abraçando-o*), vamos para a cama dormir quentinhos! Fazer alguns... alguns filhinhos. Sabe, não? Entende o que eu lhe quero dizer? Entende; entende; o Sr. não é nenhum ignorante.

GABRIEL - Estás gaiata; gaiatíssima. Pois não basta a nossa filha Esméria para nos entreter!? Ainda queres mais filhinhos!?

LUDUVINA - É porque eu sempre gostei...

GABRIEL - Mas isso era no tempo de moça; agora estamos velhos...

LUDUVINA - A mulher nunca é velha! E o homem sempre é moço.

GABRIEL - Ora explique-me Sra. Pulquéria, a sua asserção; eu não a entendo bem.

LUDUVINA - Visto que me troca o nome, eu lhe trocarei o chapéu. (*Tira o que ele tem na cabeça e põe-lhe outro mais esquisito.*) O nome que me deu, regula com o chapéu, que eu lhe ponho: e dê graças a Deus não o deixar com a calva à mostra!

GABRIEL - Já agora estarei por tudo. Casei-me de fato com a Sra.; não há remédio (*à parte*) senão aturá-la...

Cena Segunda

FERNANDO - (*entrando*) Oh! que é isto? O Sr. acompanhado aqui desta dama!

GABRIEL - Pois que tem? Sim; sabe... o meu casamento... sim; o Sr. ignora! Tem razão!

FERNANDO - Pois o Sr. é casado!?

GABRIEL - E até tenho uma filha chamada Esméria.

FERNANDO - (*olhando para um lado*) E esta! O meu criado casado; e já com uma filha.

GABRIEL - Sim, Sr. Sim, Sr. E por isso mesmo far-lhe-ei em breve as minhas despedidas!

FERNANDO - Ainda mais esta! Fala-me em despedida! (*Pausa.*) E depois quem me há de servir, se me faltar este pançudo barrigudo!

ESMÉRIA - (*entrando*) Sua bênção, meu pai.

GABRIEL - Oh! bem-vinda, minha querida!

FERNANDO - Onde diabo, em que casa tinhas tu metido a mulher, e este anjo de bondade!? Tão escondidos ou bem guardados, que eu nunca pude saber que existiam!?

GABRIEL - Não me convinha; porque sei quanto o Sr. é amigo de alheias mulheres! E se a minha Esméria é um anjo de bondade, a minha Luduvina é uma santa de maldade!

FERNANDO - (*muito zangado*). Todos têm mulher. (*Puxando os cabelos.*) Isto é o diabo! É o diabo. E é o diabo. Onde irei eu buscar, achar uma que me agrade! (*De repente, para Gabriel Galdino:*) Amigo, dás-me a tua filha em casamento!? (*Pondo-lhe a mão no peito.*) Se m'a dás, hoje mesmo, meu caro, ela será minha mulher!

GABRIEL - A minha Esméria é um anjo de bondade; só se o Sr. se sujeitar a todos os preceitos que ela lhe impuser!

FERNANDO - Mas que diabos de preceitos são esses!? Pois tu não me conheces? Não sabes quanto eu sou franco e generoso; cavalheiro e...

GABRIEL - Sei; sei de tudo isso! Mas eu não quero fazê-la infeliz! O Ilmo.^o Sr. Dr. Fernando há de ser uma espécie, ou um verdadeiro criado fiel de minha filha; e há de declará-lo em uma folha de papel, escrita por tabelião e assinada pelo juiz competente; o dos casamentos ou dos negócios civis. Etc. etc. e etc. Com a satisfação de todas estas condições, ou seu preenchimento, a minha muito querida filha, se quiser, será sua mulher. Fora delas, ou sem elas, não falaremos, não trocaremos mais sobre tão melindroso assunto.

FERNANDO - (*à parte*) E o caso não julgado é verdade - que estou pela menina apaixonado; e que por isso mesmo não terá remédio o Sr. Fernando, senão a tudo se ir sujeitando. Assim é que servia-me o meu futuro sogro; há mais de seis meses sem que eu soubesse que era casado, e que tinha uma filha! Foi realmente um mistério. E dizem-me que não aparecem ou não se vêem milagres no tempo presente.

ATO TERCEIRO

Cena Primeira

LUDUVICA - (*criada de Almeida Garrett*) Depois que este meu amo se associou ao Sr. Fernando de Noronha; que este se casou com a Sra. D. Esméria, filha de um velho criado deste; e finalmente, depois que se juntou certa camaraótica de maridos, mulheres, genros, criados ou quiabos, anda esta casa sempre assim! Ninguém os entende! Se se vai servir à Sra. D. Luduvina, eis que se ouve a voz do Sr. Fernando de Noronha, gritando - "Luduvica! Luduvica! traz-me as botas"! Se se está servindo ao Sr. Dr. Fernando, eis que me chama a Sra. D. Esméria: "- Luduvica! Luduvica! toma este recado e vai levá-lo à casa de minha prima Hermenêutica". Finalmente, se estou servindo a qualquer destes, eis que o Sr. Gabriel Galdino, criado outrora malcriado, barrigudo, pançudo, bundudo, grita: "~Dá cá de lá os chinelos, que estou com os óculos na cabeça!" Enfim, é o diabo! É o diabo! Muito desejo ver-me livre desta casa, em que seis ou oito meses de serviço já me fedem! Ainda que me não queiram pagar, quando não o pensarem hão de me ver raspar! (*Entra Almeida Garrett, Gabriel Galdino e Fernando de Noronha.*)

GABRIEL GALDINO - Com todos os diabos! Estou hoje com tais disposições de avançar a corações, que se tu não fosses casada (*pondo a mão em Luduvica*), protesto que me não escaparias!

LUDUVICA - Como o Sr. está engraçado! Pensa que mesmo sendo, e que mesmo não sendo, eu havia de ceder aos seus desejos brutais, sabendo principalmente que é casado, atoleimado, foi criado e que tem filhos!? Está; está - muito e muito enganado!

FERNANDO DE NORONHA - Oh! Sr. Gabriel Galdino, isso não é cousa que se faça às escondidas de alguém. Eis porque não há criados que queiram servir-nos (*Com força.*) *Isto envergonha!* Envergonha, e faz afastar de nós todos os criados e criadas que há em toda esta cidade! É esta a décima-oitava que para aqui vem; e que não tardará a deixar-nos! Se o Sr. não mudar de comportamento, estamos todos perdidos! Teremos em breve de nos servirmos com as nossas próprias mãos!

GARRETT - Ainda será bom se nos servirmos só com as nossas mãos! Se não nos for necessário servirmo-nos com os nossos pés!

GABRIEL GALDINO Não - toleirões! Eu estava apenas brincando. Queria ver a que ponto

chegava a pudicícia da nossa encantadora e amável servidora - Luduvica Antônia da Porciuncula. *(Fazendo menção de abraçá-la,. ela afasta-se um pouco como receosa.)* Não receies, minha Menina; se vos desse um abraço - seria de amizade, ou igual àqueles que os Pais dão nos filhos; as mães nas filhas; etc. etc.

FERNANDO - Luduvica, já preparaste o que te disse de manhã que queria?

LUDUVICA - Como havia de preparar, se eu não me posso voltar nem mexer-me para lado algum!? Se me volto para a direita, sou chamada da esquerda; se para a esquerda, incomodada pela direita; e finalmente pelos flancos) retaguarda e vanguarda; sempre e sempre chamada, incomodada e flagelada!

FERNANDO - Em vista disso, irei eu mesmo preparar! *(Sai muito zangado, mas pára-se na porta.)*

GARRETT - E as minhas camisas, calças e ceroulas - já aprontaste?

LUDUVICA - Não tenho tido tempo nem para coser os meus vestidos, quanto mais a sua roupa!

GARRETT - Uma criada assim, não sei para que diabo pode servir! *(Vai a sair e esbarra-se com Fernando de Noronha, que até então se acha sério e firme, como um soldado de sentinela em frente do inimigo.)*

LUDUVICA - Alto lá! Aqui ninguém passa. Ponha-se aí ao lado, e firme como um soldado. Quero ver até que ponto chega a audácia desta criada! *(Garrett perfila-se ao lado direito.)*

GABRIEL GALDINO - *(com palavras muito ternas ou açucaradas)* Então, minha queridinha? *(Aproxima-se a ela.)* Nem um beijinho me dás, nem uma boquinha, nem um abracinho, nem ao menos um volver desses olhos estrelados!

LUDUVICA - *(sorrindo-se)* Ora, nunca pensei que o Sr. fosse tão audaz!

GABRIEL - Pois é audácia pedir-se aquilo de que se tem necessidade!?

LUDUVICA - Vá procurar a sua mulher, e com ela faça o que quiser!

GABRIEL - E se ela não quiser, o que hei de eu fazer!?

LUDUVICA - Ter paciência, e fazer-lhe continência!

GABRIEL - Então, além de me negar aquilo que me deve dar, ainda hei de ter paciência e fazer-lhe continência!?

LUDUVICA - E que remédio o Sr. terá, senão assim proceder, ou humilhar-se!? Se o não fizer, ela o ferirá; o Sr. há de morrer, ou ela se matar!

GABRIEL - Em vista disso, adeus minha queridinha; adeus! *(Vai a sair e encontra o mesmo obstáculo como Garrett.)*

FERNANDO - *(para Gabriel Galdino)* Alto, frente! Tome a esquerda e perfile-se! *(Desembainhando a espada por detrás.)*

(Gabriel toma a esquerda e perfila-se.)

LUDUVICA - Que farão os três pandorgas (*Passeando e vigiando-os ora com o rabo de um, ora com o rabo de outro olho.*) Que esperarão eles! Pensarão mesmo que me hão de continuar a massar!? Estão bem servidos! Eu os componho; eu agora mostro-lhes o que é a força de uma mulher, quando esta está a tudo resolvida, ou mesmo quando apenas quer mangar com algum homem! (*Puxa, passeando, um punhal que ocultava no seio e conserva-o escondido na manga do vestido.*) Estes (*à parte*) meus amos são uns poltrões; eu faço daqui carreira, faço brilhar o punhal; eles, ou me hão deixar passar livremente, ou caem por terra mortos de terror; e não só por serem uns comilões, uns poltrões, também porque... não direi mas o farei! (*Volta-se repentinamente; faz brilhar o punhal; avança-se para eles, os dos lados caem cada qual para seu lado, e o do centro para diante; ela salta em cima deste, volta-se para o público e grita levantando o punhal:*) Eis-me pisando um homem, como um carancho a um cavalo morto! Quando a força da razão, do direito e da justiça, empregada por atos e por palavras, não for bastante para triunfar, lançai mão do punhal... e lançai por terra os vossos indignos inimigos, como fiz e vedes a estes três algozes!

(*Desce o pano, passados alguns minutos, e assim finda o terceiro Ato.*)

ENTREATO

JERÔNIMO DE AVIS - (*entrando com flauta e três tocadores, com vários instrumentos*) Lá vai! (*Sopra a flauta; e esta não dá mais que um assovio destemperado; sopra com mais força, sucede o mesmo, ou ainda pior. Muito ansiado, querendo desculpar--se:*) Senhores, deu o tétano na minha flauta! Desculpem; desculpem!

OS OUTROS - Qual desculpa, nem desculpa! Embaçou-nos, agora há de aprender a tocar todos os instrumentos. (*Caem-lhe em cima com eles; ele defende-se com a flauta; de uns e de outros; e assim que pode corre a safar-se. Os Outros fingem persegui-lo; ele procura escapar-se e não pode, dando também em uns e em outros com a flauta, dizendo-lhes:*)

JERÔNIMO DE AVIS - Paguem as lições que lhes dei ensinando-os a tocar flauta.

(*Neste ato e barulho, deve pouco a pouco ir descendo o pano.*)

QUADRO

Aparecem todos; cantam - e dançam mascarados; de violas, tambores, flautas, rabecas e violões - os seguintes versinhos:

Minha Musa está vazia,

De tanto haver dado à Tia!

Minha rabeca não canta,

Nem o violão descanta!

Trai, larai; tri, lari,

Lari; trai,. larai, tri lari

Larou...

(Repete-se.)

*Minha viola 'stá zangada,
Por não ter mais uma corda;
Dela a flauta discorda;
E assim - só desagrada!
Trai, larai; tri, lari,
Lari; trai,. larai, tri lari
Larou...*

*Minha rabeca assovia;
Com esse rouco violão,
Não faz boa harmonia:
Hei de ver melhor baixão!
Trom larom,
Larom larom larom;
Trom larom larom
Larau lau lau!...*

(Repete-se.)

*Meus tambores estão rotos!
Que fazer deles - não sei!
Hei de vende-los ao Rei,
Cobertos de peles d'escrotos!
Trom larom,
Larom larom larom;
Trom larom larom
Larau lau lau!...*

(Repete-se.)